

O ESPAÇO DA ESCOLA SOBRE O CORPO DISCENTE

TARLA ROVERÉ¹;
LARISSA PATRON CHAVES³

¹*Universidade Federal de Pelotas – tarlarovere@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – larissapatron@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Ao longo da história, a existência do ser humano já foi caracterizada pelo pensar, pelo fazer e pelo sentir. Ações estas, que se interligam diretamente através do nosso meio de existência, de relações sociais, políticas e interpessoais: o corpo: nossa principal forma de expressão.

“Para Foucault, o corpo é um ente, composto por carne, ossos, órgãos e membros, [...] uma superfície moldável, transformável, remodelável por técnicas disciplinares e de biopolítica. [...] que sofre a ação das relações de poder que compõem tecnologias políticas específicas e históricas. (MENDES, 2006, p. 168)

O ser humano é um ser político constantemente submetido á relações de poder. Na contemporaneidade vivemos um grande atentado à democracia, à educação e aos direitos de expressão e criticidade do sujeito. Atrelados ao caos, ao capitalismo, à superficialidade, à robotização dos corpos feita pela elite dominante, o corpo já não tem potencialidade individual e deixa de fazer seu papel expressivo. Projetos de Lei são criados para formar mentes enjauladas e corpos inexpressivos, tornando-se um sistema opressor aos mesmos, como a Reforma do Ensino Médio, a qual nada mais é do que “apenas uma atualização da histórica disputa pela hegemonia em relação ao ensino médio” (FERRETI; SILVA, 2017, p. 400). Da mesma forma o Escola sem Partido, “ao visar a imposição de um julgamento moral e dogmático à docência, prejudicará o aprendizado dos alunos” (CARA, 2016, p. 46 e 47). Educadores já não possuiriam mais a função de educar e sim, apenas, transmitir conhecimentos.

Corpos presos durante horas a salas de aula cheias de estudantes, dispostos em classes que obedecem ao que Foucault chama de “escola-prisão” (FOUCAULT, 1977). A comparação de escolas e prisões se dá a partir de sua composição arquitetônica e espacial. Classes distribuídas em fileiras lado a lado sem nenhuma comunicação, grades nas janelas, refeitório comunitário, muros altos e com grades e portões sem nenhuma visibilidade com o lado externo à escola. A vontade de conversar, de sair da sala, de sair da escola. O problema pode não estar na indisciplina discente. E sim, talvez, na própria disciplina que lhes é imposta. O espaço da escola acaba por ser um ambiente massivo e repressivo para estes sujeitos. O corpo pede o que necessita. Se falar é o necessário, que falemos. Sobre o assunto que lhes convém? Também. Se caminhar é o necessário, que caminhemos. Se sair da escola é o que precisam, que saímos. O corpo necessita de atividade e movimento para se sentir vivo e existente. Como dar aulas a corpos mortos ou inexistentes? Inativos e reprimidos?

A escola precisa incentivar o sensível, a liberdade e a criticidade de cada um. A autonomia, o refletir sobre as coisas, sobre sua existência, sobre o que acontece com o espaço em que se encontra. Precisa aprender a lidar com estas

relações de poder e entender seus limites e até quando elas podem ser positivas ou negativas. Precisa ver-se como um ser político e social no mundo. Mundo este que vem em constante movimento na Modernidade Líquida, segundo Bauman (1999): “[...] quanto mais leves viajamos, com maior facilidade e rapidez nos movemos. Essas são razões para considerar “fluidez” ou “liquidez” como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase[...]” (BAUMAN, 1999, p. 8 e 9). Porém, diante a todas estas mudanças e aceleração, na escola, continuamos a observar o mesmo tratamento de sempre.

Por outro lado, enxergo na educação em arte uma possibilidade de libertar um pouco dos sentimentos, agonias, pressões e opressões que o corpo vem sofrendo. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais em Arte (1997), a Educação em Arte “propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentido às experiências das pessoas: por meio dele, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação” (BRASIL, 1997, p.15). Desta forma, podemos estimular a reflexão, sensibilidade e percepção do sujeito em relação ao seu corpo no ambiente escolar. O que ele sente, como se comporta, o que causa e qual a sensação ao estimular o fazer arte e expressar tudo que lhe toca e afeta.

O tema do espaço da escola sobre o corpo torna-se relevante para a educação em arte no sentido de que o mundo vem sofrendo constantes transformações e a escola precisa ser um espaço de formação de sujeitos democráticos e críticos capazes de pensar e agir de forma a posicionar-se perante às problemáticas contemporâneas e de todos atentados provocados pelo próprio homem. Um espaço onde o corpo se sinta livre para expressar ideias, pensamentos e sentimentos.

A partir daí, surgem-me os seguintes questionamentos: o que é um corpo e como ele reage e interage com o espaço da escola? Como a escola pode afetar e influenciar o corpo, seus sentimentos, pensamentos e ações? Como a arte pode ser transformadora e libertadora para estes corpos? Assim, a grande questão a ser investigada nesta pesquisa é: de que maneira o espaço da escola afeta nos sentimentos e comportamentos do aluno e como transformá-lo através da educação em arte?

O objetivo principal da pesquisa é compreender, através da expressão artística, de que maneira o espaço da escola afeta nos sentimentos e comportamentos do aluno e como transformá-lo na educação em arte. Assim como, analisar o corpo e a forma como ele se comporta dentro da escola; entender como a escola pode afetar e influenciar o corpo, o sentir, o fazer e o pensar; descobrir formas de expressar e libertar o corpo através da arte e propor a transformação da sala de aula/escola em um espaço diferenciado e interativo, que o aluno se sinta livre e autônomo sobre seu corpo e pensamentos.

2. METODOLOGIA

Primeiramente, farei uma pesquisa bibliográfica na área estudada em busca de conceitos e teorias de diferentes autores e pesquisas já realizadas sobre o tema. Depois, escolherei uma escola da Rede Pública de Ensino da cidade de Pelotas para realizar a pesquisa. Para analisar o corpo e a forma como ele se comporta dentro da escola, farei observações em duas turmas das séries finais do ensino fundamental ou médio, pois precisarei de alunos que já possuem certa vivência no ambiente escolar e já estejam acostumados com o espaço e o que ele

e as pessoas os passam. Depois, para um entendimento de como a escola pode afetar e influenciar o corpo, o sentir, o fazer e o pensar, aplicarei um questionário com os professores a respeito de como costuma ser a disposição do espaço da sala de aula, o ambiente, como os alunos costumam se comportar, quais as medidas tomadas em caso de agitação e conversa, como eles se sentem na posição de professores naquela escola e qual a sua relação com o espaço escolar. Também aplicarei este questionário com os alunos, na perspectiva de estudante: como ele se sente sendo aluno daquela escola, como o professor costuma de comportar, o que fazem com eles quando há muita conversa ou agitação, como se sentem em relação ao espaço da escola, etc.

Nesta pesquisa pretendo utilizar uma metodologia qualitativa do tipo pesquisa-ação (TRIPP, 2005), pois, após as indagações, análise e investigação sobre o que o corpo sofre na escola, irei agir e intervir na mesma através da Educação em Arte, para que estes educandos compreendam seus corpos, como eles se sentem e se localizam no espaço escolar e experimentem algo diferente do que lhes é imposto como disciplina regularmente. Assim, construirei um Plano de Ensino em arte a ser aplicado com, pelo menos, uma das turmas da escola. Este projeto será criado visando a produção artística por parte dos alunos com uma maior libertação de expressão do corpo na escola e um maior entendimento deste em relação ao seu espaço e, como conclusão do mesmo, uma proposta de transformação do espaço da sala de aula/escola criada em conjunto com os educandos, buscando um espaço diferenciado e interativo, que o aluno se sinta livre e autônomo sobre seu corpo e pensamentos. E, assim, por último, refletir criticamente com os alunos, em relação às experiências vividas durante o período e como se sentem no presente momento. Então, finalmente, fazer a minha reflexão pessoal sobre todo o conteúdo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em uma experiência feita por mim anteriormente, durante a graduação em Artes Visuais Licenciatura, em Estágio II, na escola da rede pública de ensino Jeremias Froes, em uma experimentação livre dos corpos nos espaços da escola com uma turma de 8º ano, eu pude observar alguns comportamentos intrigantes a partir das composições.



Figuras 1 e 2: ROVERÉ, Tarla. Imagens dos alunos de 8º ano da E. M. E. F. Jeremias Froes ao realizar experimentações dos seus corpos com os espaços da escola. Fotografia, 2016. Fonte: Acervo Pessoal.

Esta experiência, juntamente com todas as vivências que tive posteriormente e, que relato na minha monografia de conclusão de curso em Artes Visuais Licenciatura – UFPEL, orientado pela Drª Helene Gomes Sacco, *Corpografias: O corpo como um livro feito de passos; Uma carta escrita pelos espaços*, me levaram a escolha deste tema.

Assim, estando a pesquisa em desenvolvimento, restam-me apenas expectativas de que o projeto seja significativo e transformador para os envolvidos.

4. CONCLUSÕES

A escola precisa ser um espaço de formação de sujeitos democráticos e críticos para pensar e agir de forma a tratar do mundo contemporâneo e de todos atentados provocados pelo próprio homem. Um espaço onde o corpo se sinta livre para se expressar e criar suas próprias opiniões sobre as coisas.

Como papel de professora, me sinto na responsabilidade de intervir no que ainda posso para a transformação e libertação destes jovens. Precisamos escutar o aluno, escutar o seu corpo, corpo este que grita em silêncio, e às vezes até inconscientemente, por liberdade no espaço escolar, e deste, para o mundo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1977.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

Artigo

VIGARELLO, G. O corpo inscrito na história: imagens de um “arquivo vivo”. **Revista Projeto História**, São Paulo, p. 225-236, nov. 2000.

MENDES, C. O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, EDUFSC, n. 39, p. 167-181, 2006.

CARA, Daniel. O programa “Escola sem Partido” quer uma escola sem educação. **Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação (Org.)**. São Paulo, 2016.

FERRETI, C. J; SILVA, M. R. Reforma do Ensino Médio no Contexto da Medida Provisória Nº 746/2016. **Estado, Currículo e Disputas por Hegemonia**. Educ. Soc., Campinas, v. 38, nº. 139, p.385-404, abr.-jun., 2017.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.